

A tradução brasileira do volume I de *Para uma ontologia do ser social*, de Lukács

SERGIO LESSA*

Título: *Para uma ontologia do ser social*, volume I

Tradução: Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer, Nélio Schneider

Revisão da tradução: Nélio Schneider

Revisão técnica: Ronaldo Vielmi Fortes (com a colaboração de Ester Vaisman e Elcemir Paço Cunha).

Editora: Boitempo

Ano da publicação: 2012

I

Ao falecer, em junho de 1971, Georg Lukács deixou um conjunto de manuscritos, nos quais trabalhou até muito próximo da morte: *Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível* (Boitempo, 2010), o texto de *Para uma ontologia do ser social* (Boitempo, 2012-2013) e ainda organizou um conjunto de notas e citações que serviriam para uma futura obra sobre os fundamentos marxistas da ética, *Notas para uma ética* (Instituto Lukács, 2015).

A sorte desses manuscritos valeria, por si só, um pequeno texto. No Brasil, em especial, terminaram exercendo alguma influência e também prepararam, em certa medida, o terreno para a recepção da obra de István Mészáros. Já argumentamos, em várias ocasiões, sobre a importância desse empreendimento intelectual de Lukács. Aqui cabe apenas assinalar a positividade de que, depois da Hungria,

* Professor da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: sergio.lessa.ontologia@gmail.com.

o Brasil é o primeiro país a contar com a publicação integral dos manuscritos póstumos de Lukács.

A tradução dos *Prolegômenos*, bem como de *Para uma ontologia*, apresenta dificuldades muito peculiares. São manuscritos com graus bastante distintos de acabamento. Enquanto a datilografia do texto de *Para uma ontologia* foi revista pelo autor, os *Prolegômenos* nem sequer foram datilografados e, diferentemente do primeiro, este último correspondeu a uma etapa curta de trabalho em que a doença e a proximidade da morte ceifavam de forma visível a capacidade produtiva do filósofo húngaro.

Somam-se a essa situação, por si só já plena de dificuldades, outros problemas:

1) Não contamos, ainda, com traduções e investigações consolidadas, em que as alternativas de tradução de expressões, conceitos e categorias já tenham sido testadas em diferentes momentos e por vários ângulos. Por isso, hoje, muitas passagens requerem tentativas novas e que, por isso, exibem algum grau de insegurança e provisoriidade na tradução.

2) Outro conjunto de dificuldades advém do fato de que, para o próprio Lukács, muito do que ele estava elaborando nos manuscritos o fazia pela primeira vez, sendo também inevitáveis seguidas tentativas envolvendo diferentes formas de expressão desse novo conteúdo. São reconhecidas, por exemplo, as dificuldades que trazem o uso da expressão “material” em momentos nos quais o que de fato queria expressar era “objetivo” ou “objetividade” (o que existe fora da consciência). Enquanto, nesse sentido, objetividade se distingue com clareza de subjetividade, “material”, por vezes, mal serve para expressar essa distinção, já que a subjetividade, para Lukács, é uma forma superior de organização da matéria, sendo portanto também material. Que daqui não decorre nenhuma identidade sujeito-objeto, tal como em Hegel, também já argumentamos em outras oportunidades.

3) Há ainda dificuldades que decorrem das próprias concepções teóricas e políticas de Lukács, da sua avaliação do peso do papel do indivíduo no enfrentamento das alienações contemporâneas, bem como de sua visão da crescente importância dos fenômenos ideológicos na reprodução do que identificava tanto como deformações do socialismo soviético quanto como alienações dos países capitalistas. Por vezes, essas concepções se entrelaçam com suas discussões de categorias ontológicas mais universais, impondo nuances, e até mesmo contradições, que são uma fonte a mais de dificuldades para uma tradução precisa.

4) Uma última esfera de complicações deve ser ainda mencionada: o caráter inacabado do manuscrito quase irresistivelmente induz o tradutor a buscar uma forma mais clara e acessível ao leitor. Esse impulso ao “copidesque”, para sermos breves, é tanto maior quanto mais inacabada é a passagem e, ainda, tende a se intensificar quando se impõe uma excessiva preocupação editorial em tornar o texto “mais legível”. Nas diferentes traduções, esse impulso se apresenta de modo e em intensidade diversos. Bem menos na tradução de Chicote (Argenti-

na) e de Scarponi (Itália), bem mais nos capítulos até hoje traduzidos na França (Éditions Delga). Esse impulso ao copidesque é, com enorme frequência, fonte de deformações na tradução. Que me seja permitido indicar ao menos um exemplo, tomado ao acaso de uma das traduções. Ao tratar do salto ontológico que separa a linguagem humana da comunicação por sinais entre os animais, Lukács escreveu:

Der Sprung enthält eine gedoppelte inhaltlich-formelle Grundlage. Erstens muß die Sprache, um Sprache zu sein, über die bloße Situationsgebundenheit der Zeichen und über ihre rein konkret einmalige Beziehung zu einem unmittelbaren, gegenwärtigen Handeln hinausgehen.¹

A tradução em questão:

O salto contém uma dupla base conteudístico-formal. Em primeiro lugar, a linguagem, para ser linguagem, deve ir *tanto* para além da mera dependencialidade da situação dos sinais *quanto* da sua relação puramente concreta, unilateral, a um imediato ato presente. (grifos nossos – SL)

No texto de Lukács, esses “tanto” e “quanto” não existem. E induzem a crer que a “mera dependencialidade da situação dos sinais” e “sua relação puramente concreta, unilateral a um imediato ato presente” constituiriam a “dupla base” a que o texto se refere. Contudo, isso não é assim. A dupla base é constituída tanto desse “em primeiro lugar” (desprender-se da “dependencialidade” em relação ao “imediato ato presente”) quanto da incessante criação do novo, como o manuscrito deixa claro logo a seguir. No texto de Lukács, a “mera dependencialidade da situação dos sinais” é complementar a sua “relação puramente concreta, unilateral, a um imediato ato presente”; é, portanto, apenas uma das bases da “dupla base”, e não a “dupla base” como tal.

Um tal impulso ao “copidesque” é, nos manuscritos lukacsianos, uma das mais permanentes fontes de erros nas traduções.

Essas considerações preliminares são importantes, cremos, não apenas para esboçar as dificuldades enfrentadas pelos tradutores de *Para uma ontologia*, mas também para indicar a importância, talvez ainda maior do que em outros textos, da busca de uma tradução que se deixe ao extremo ser guiada pelo conteúdo do texto, por mais ambíguo, impreciso ou confuso que possa ser ou parecer em alguns momentos. Uma tradução fiel aos manuscritos não pode deixar de ser fiel aos seus problemas e desencontros, e toda tentativa de tornar o texto mais “redondo”, mais “compreensível”, mais “legível” etc., aumenta em muito o risco de deformá-lo.

1 Todas as citações em alemão são do volume 13 das *Werke* de Lukács (Frankfurt: Luchterhand Verlag, 1986), e as em português, de *Para uma ontologia do ser social*, volume I (São Paulo: Boitempo, 2012). As páginas serão indicadas entre parênteses ao longo do texto.

II.

Em uma resenha anterior, comentamos a tradução dos *Prolegômenos* (*Crítica Marxista* n° 32/2011). Como em toda tradução de um texto dessa complexidade, há escolhas que podem ser, por vezes, polêmicas. Mencionamos, então, que a opção de estranhamento como tradução de *Entfremdung*, ou espelhamento como tradução de *Widerspiegelung*, e, ainda, traduzir “posição teleológica” por “pôr teleológico” talvez não fossem as melhores saídas. Sobre o desvio em direção ao hegelianismo presente na tradução de *Entfremdung* por estranhamento, já nos manifestamos no “Posfácio” à edição pela Expressão Popular dos *Cadernos de Paris e manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, de Karl Marx (2015). Aos argumentos já expostos é importante apenas acrescentar que a opção por estranhamento em vez de alienação na referida tradução impõe, em muitas passagens, uma ambiguidade entre o que é estranho (isto é, não familiar, não costumeiro) e o que é alienado. Além disso, manter a tradução de *Widerspiegelung* por espelhamento é uma desnecessária fonte de confusão para o leitor. Pois Lukács não se cansa de arguir que as imagens do real refletidas na consciência “não podem ser jamais mecanicamente cópias fiéis, quase fotográficas, da realidade. Elas são sempre determinadas pelas posições de finalidade, portanto, geneticamente falando, pela reprodução social da vida, originariamente pelo trabalho” (*Werke*, p.31).

Além de manter os problemas já assinalados na resenha mencionada, a tradução do volume I da *Ontologia do ser social*, infelizmente, é inferior à tradução dos *Prolegômenos*.

As dificuldades e os problemas não foram minorados pela opção editorial de aproveitar as várias traduções parciais feitas ao longo de aproximadamente três décadas: as primeiras traduções, as dos capítulos sobre Marx e Hegel e a tradução do capítulo dedicado ao neopositivismo, mais antigas, contrastam fortemente com as dos capítulos só agora traduzidos. A homogeneidade do estilo peculiar de Lukács, com parágrafos longos e frases com estrutura complexa, é perdida. Nos capítulos dedicados a Hegel e a Marx, pontos finais, verbos, expressões etc. são inseridos, presume-se, numa tentativa de deixar o texto mais claro; categorias e conceitos decisivos da ontologia (comentaremos alguns abaixo) são traduzidos de forma diversa, sem que sejamos informados das razões de tais descompassos: são equívocos que podem ser explicados pelo fato de serem as primeiras traduções, ainda num momento em que o texto póstumo de Lukács estava sendo alvo das primeiras análises. Contudo, a maior parte desses descompassos foi mantida na tradução atual.

Esse desencontro na tradução de termos, expressões e categorias se intensifica na juxtaposição com as partes traduzidas por último. O resultado é que a tradução brasileira é portadora de uma inconsistência teórica que não está presente no manuscrito lukacsiano. A tradução de pares categoriais ontológicos decisivos como ente/existente, ser/existente, material/espiritual e objetivo/subjetivo, com

todas as suas variações, é feita de formas distintas. Por um lado, essa variação arbitrária impossibilita ao leitor apreender que Lukács se refere, em diferentes momentos, à mesma problemática de fundo. Por outro lado, e ao mesmo tempo, dissolve a consistência teórica do filósofo húngaro em uma polissemia de todo estranha aos manuscritos.

Para citar alguns casos: a tradução de *Seiende* (existente) e derivados. Preferencialmente, no capítulo sobre o neopositivismo, *Ansichseienden* é traduzido por “em-si-existente”, no capítulo do existencialismo, por “ente-em-si”. Nas páginas 427/136,² 428/136, é traduzido por “ente em si”, depois por “ente-sem-si” (433/143, 453/164, 497/213). Na mesma página 453/164, *Seiendes* é traduzido, duas vezes na mesma frase, como “ente”, para ser traduzido, a seguir, por “dotado de ser” (458/170). No capítulo de Hegel, *Ansichseienden* é novamente traduzido por “ente em si” mais de uma vez, mas ao tratar da *an sich seienden Wirklichkeit*, foi traduzido por existente: “realidade em si existente” (346/48,497/213), depois por “realidade em si” (356/59, 347/49, 348/52); na página 605/331, *seiende Elemente* vira “elementos reais” – e assim por diante.

O quanto essa imprecisão e essa arbitrariedade no traduzir são comprometedoras do texto lukacsiano, uma frase poderá indicar. Fazendo uma crítica à subordinação hegeliana da ontologia do ser social à esfera da lógica, Lukács escreveu:

Die ganze Hegelsche Philosophie ist wesentlich auf die Erkenntnis von Gesellschaft und Geschichte orientiert. Darum sind ihre Kategorien ihrem spezifischen Wesen nach auf diese Seinssphäre hin angelegt. Daß sie durch die gedankliche Unterordnung unter die Logik fast überall weit über diese Seinssphäre hinaus verallgemeinert und dadurch vom *Gesichtspunkt der Ontologie des Ansichseienden* entstellt werden, ist mehr als eine bloße Erscheinungsform dieses Systems. (503, grifos nossos, SL)

Uma tradução possível seria:

Toda a filosofia de Hegel é essencialmente orientada para o conhecimento da sociedade e da história. É por isso que suas categorias, a essência específica delas, visa a essa esfera ontológica. Que, através da subordinação no pensamento, seja muito amplamente generalizada quase sempre sob a lógica, e com isso seja desfigurada do ponto de vista *da ontologia do em-si-existente*, é mais do que uma mera forma fenomênica desse sistema.

A versão em apreço preferiu traduzir “da ontologia do em-si existente” por “da ontologia do *ente-em-si*” (p.220, grifos nossos, SL), com o que a frase perde totalmente seu sentido original. Uma “ontologia do ente-em-si” não faz nenhum

² Página das *Werke*/página da tradução.

sentido, nesse contexto. Lukács se refere ao deformado reflexo na consciência da *existência* – e não do *ente* –, que constitui a logicização hegeliana do ontológico.

Outro exemplo em que a imprecisão eleva-se a erro pode ser encontrado na discussão por Lukács do caráter primário da objetividade para todo o existente – uma tese que intimamente se articula com a sua tese de que a historicidade é uma determinação ontológica universal. Diz Lukács:

Ist die Gegenständlichkeit eine primär-ontologische Eigenheit jedes Seienden, so liegt darin konsequenterweise die Feststellung, daß das originär Seiende immer eine dynamische Totalität ist, eine Einheit von Komplexität und Prozeßhaftigkeit. (579)

Ou seja:

A objetividade é uma propriedade ontológico-primária de *todo existente*, nisso se apoia, como consequência, a constatação de que o existente originário é sempre uma totalidade dinâmica, uma unidade de complexidade e processualidade. (grifos nossos, SL)

A tradução, contudo, optou por:

Sendo a objetividade uma propriedade ontológica primária de *todo ente*, é nela que reside a constatação de que o ente originário é sempre uma totalidade dinâmica, uma unidade de complexidade e processualidade. (304)

A “objetividade primária” de “todo ente” não é o mesmo que a “objetividade primária de todo o existente”. Pois, como a totalidade é mais do que a mera justaposição de suas partes, é a inter-relação sintética dessas partes em totalidade, a objetividade primária de “todo ente” não é a objetividade primária de “todo o existente”. Por isso, apenas a objetividade “de todo existente” – e não a “de todo ente” – pode servir de “apoio” à “constatação de que o existente originário é sempre uma totalidade dinâmica, uma unidade de complexidade e processualidade”. Ao confundir ente e existente, como nessa passagem, a tradução insere contradições no pensamento de Lukács que são, rigorosamente, inexistentes. Além disso, ao confundir ente e existente, com a redução do segundo ao primeiro, sugere uma aproximação do filósofo húngaro às concepções empiristas, positivistas ou mecanicistas, das quais, sabidamente, o filósofo húngaro era um severo crítico.

Com tais confusões, a tradução deixa fortemente a – falsa – impressão de que Lukács não sabe bem ao certo a que se referia com categorias ontológicas decisivas como “ente”, “existente”, “concepção” e “visão de mundo”, “intuição” e “representação”. Assim, por exemplo, a frase *Der Ausspruch von Parmenides, nur Seiendes ist, Nichtseiendes ist nicht...* (433/143), literalmente “O dito de Parmênides, apenas o existente é, o não existente não é...”, é traduzida por “O dito

de Parmênides, ‘só o ente é, o não ente não é’”. Não apenas colocam-se aspas, como se fosse de Parmênides a expressão *nur Seiendes ist, Nichtseiendes ist nicht*, quando esta pertence a Lukács; como ainda, ao reduzir o existente ao ente, sugere-se que, para Lukács, o filósofo pré-socrático poderia vir a ser um antecessor do empirismo ou do positivismo. Nada semelhante pode ser encontrado no texto de Lukács, evidentemente. A passagem, importantíssima, do capítulo sobre Hegel na qual Lukács faz ponderações acerca do “caráter de existência da essência” no filósofo alemão é traduzida por “caráter existencial da essência”, com inevitáveis ressonâncias relativas ao existencialismo (532/252).

Outras vezes a imprecisão eleva-se a erro. Por exemplo, quando Lukács trata do “mecanismo” em Hegel e do “mecanicismo” materialista (quer no materialismo pré-marxista, quer no interior do marxismo). Como é sabido, a defesa da dialética levou Lukács a, se me for permitida a brevidade, três críticas. A que reconhece os avanços das tentativas materialistas do século XVIII, mas que as condena por derivarem imediata e diretamente da natureza o ser social. A segunda crítica volta-se ao “mecanicismo” que se inicia na II Internacional e atinge seu apogeu no marxismo dos anos posteriores a Lênin. Aqui, da parte de Lukács, temos apenas a crítica, e das mais radicais. E há, por último, a elogiosa crítica ao “mecanismo” de Hegel, expressão com a qual o autor da *Fenomenologia do espírito* sintetiza as propriedades da matéria inorgânica. A crítica de Lukács se dirige à logicização idealista peculiar a Hegel e o elogio ao seu postular uma continuidade do inorgânico à vida e desta à humanidade. São três conjuntos distintos de problemas – os três decisivos para a delimitação do *tertium datur* buscado por Lukács: a dialética materialista de Marx como superação tanto do idealismo objetivo quanto do materialismo pré-marxiano.

A tradução optou por traduzir incorretamente o “mecanismo” (*Mechanismus*) (507ss./ 224ss.) de Hegel por “mecanicista”. Para o leitor brasileiro, é como se a crítica de Lukács ao “mecanismo” hegeliano fosse a mesma – ou fizesse parte do mesmo universo de problemas – que sua crítica às vertentes mecanicistas na filosofia anterior e posterior a Marx e Engels. Vela-se, com esse equívoco, que no “mecanismo” de Hegel e no “mecanicismo” dos materialistas temos problemas e críticas distintas. O “mecanismo” de Hegel não é um retorno indevido ao “mecanicismo” pré-marxista como ocorre em boa parte do marxismo do século XX; o equívoco de Hegel não está em retirar muito rapidamente, da natureza, o mundo dos homens, como entre os iluministas; por outro lado, os “mecanicistas” nem sempre pecam pela logicização hegeliana do ontológico – e assim por diante. A tradução sugere que Lukács não conhecia Hegel, ou promove a absurda fusão da problemática do materialismo mecanicista à do idealismo objetivo de Hegel. A essência das críticas de Lukács a Hegel e ao materialismo mecanicista está, aqui, irremediavelmente obnubilada.

Há erros também de revisão, quando, por exemplo, *Moment* é traduzido por “elemento”, ou cognatos são traduzidos de maneira incorreta. Não fosse pela

quantidade desses erros, esse seria um aspecto menor dos problemas da tradução em apreço.

Que a tradução dos manuscritos deixados por Lukács impõe dificuldades que não estão presentes – e se estiverem, ao menos não estão na mesma intensidade – em outros autores é algo inquestionável. Que algumas dessas dificuldades podem ainda levar algum tempo para ser adequadamente superadas, é uma enorme possibilidade. Em prol dos tradutores, deve-se ainda reconhecer as dificuldades oriundas do esquema de trabalho em editoras comerciais, nas quais a subordinação ao lucro impõe limites à realização da tarefa. Por fim, é preciso também reconhecer que poder avaliar uma tradução é quase sempre mais positivo do que não haver tradução alguma. Contudo, a tradução do volume I da *Ontologia* é por demais imprecisa e contém erros em demasia para conduzir o leitor, com segurança, pela última grande investigação realizada por Lukács.

Resumo

A tradução dos manuscritos póstumos de Lukács apresenta dificuldades especiais. Em que pese esse fato, a tradução brasileira apresenta inúmeros problemas. **Palavras-chave:** Marxismo, Ontologia, Lukács, Ser Social, Manuscritos de Lukács

Brazilian translation of Lukács' *Ontology of Social Being*.

Abstract

The translation of the posthumous manuscripts of Lukács has special difficulties. In spite of this, the Brazilian translation has several problems.

Keywords: Marxism, Ontology, Lukács, Social Being, Lukács' Manuscripts.